

MAS UM JORNAL HOMOSSEXUAL, PARA QUÊ? FUNCIONAMENTOS DISCURSIVOS DA NEGAÇÃO E OS LIMITES DA FORMAÇÃO DISCURSIVA

Ezequiel Nunes Pires¹

O jornal *Lampião da Esquina* (1978-1981) se insere em pelo menos dois eventos históricos no Brasil. Primeiro, o jornal feito por homossexuais e para homossexuais é um marco na história da imprensa. Segundo, *Lampião* emerge como precursor do Movimento social LGBTI+ (como é entendido hoje), na época - Movimento Gay Brasileiro. Segundo Rodrigues (2018), o jornal buscava muito mais por uma identificação com o leitor, e vice-versa, do que afirmar uma identidade inseparável e homogênea, embora possa ser observada no seu discurso a valorização de determinada imagem do homossexual. Neste texto², monta-se um arquivo com textos e cartas de leitores da seção *Cartas na Mesa* publicados no jornal. Assim, no percurso teórico-analítico, busco compreender os funcionamentos discursivos da negação e como esses estabelecem os limites da formação discursiva (FD), como entendida por Pêcheux ([1975] 2014).

O primeiro texto publicado na sua edição experimental em abril de 1978, intitulado *Saindo do gueto*, busca esclarecer a que se propõe o periódico. Todo o texto se constrói a partir da pergunta que visa responder: *mas um jornal homossexual, para quê?* Nessa primeira página de *Lampião* já se presencia a ideia de que os homossexuais vivem no gueto. O gueto, aqui, é entendido como o grupo marginalizado, isto é, está à margem da sociedade, sem tomada de posição reconhecida ou ouvida perante os seus direitos enquanto cidadão, é discriminado, isolado.

Entendo, assim, que essa identidade de gueto para o homossexual emerge como um pré-construído, o já-dito, ou seja, de uma imagem já estabelecida para o gay e que, nesse caso, precisa ser negada. Essa é a identidade discursivizada desde o discurso médico – embrião do campo discursivo da homossexualidade, como aponta Souza (1997). O discurso da medicina sobre a homossexualidade atravessa o discurso militante presente no *Lampião* enquanto discurso outro, que fala sempre antes (nesse caso, em um processo de designação da doença/anormalidade).

Tal militância nesse discurso apresenta-se no editorial como convocação, chama-se para a luta, descreve-se o homossexual ideal, o que o homossexual brasileiro deve buscar/querer. Tendo em vista as delimitações de uma identidade, é referenciando um homossexual em específico que se caminha para essa realização. Observemos a sequência discursiva:

SD01 – mostrando que **o homossexual recusa** para si e para as demais minorias a pecha de casta, acima ou abaixo das camadas sociais; que **ele não quer** viver

¹ Doutorando (bolsa CNPq) e mestre em Estudos da Linguagem (UFRGS). Membro do grupo de pesquisa Discurso, Arquivo, Autoria e Questões de Gênero. E-mail: ezequieln.portugues@gmail.com.

² Este texto é um recorte da dissertação de mestrado defendida pelo autor em 2022 (PPGLet/UFRGS).

em guetos, **nem erguer** bandeiras que o estigmatizem; que **ele não é um eleito nem um maldito**; e que sua preferência sexual não deve ser vista dentro do contexto psicossocial da humanidade como um dos traços que um caráter pode ter (Editorial, Jornal *Lampião da Esquina*, “Saindo do gueto”, de maio de 1978, grifos meus).

O que salta aos olhos, na SD01, é a negação do discurso médico (ou médico psiquiatra), uma negação que funciona, como dito, no intuito de negar a identidade construída para o sujeito gay nesse discurso. Ademais, retomo para a questão do uso do termo *homossexual* como um efeito de totalidade, é o efeito que vai, justamente, dar vez e voz para essa militância que se constrói. Observaremos, também, como ressoam esses ditos nas cartas dos leitores, ao delineamento de um efeito de seriedade para o *Lampião*, afinal, ele veio para tirar o homossexual do gueto, mais ainda, para tirar de vista a identidade homossexual guetificada. O que os leitores escrevem nas cartas publicadas por *Lampião*, ratifica e reitera o que o jornal coloca.

Na SD02, a seguir, retirada de uma carta de leitor, destaco como se materializa essa divisão entre identidades. No fio de que é a imagem-padrão (gueto) a ser escanteada e uma nova imagem deve ser construída, oposta talvez ao que é próprio das homossexualidades, mas sim determinada pela influência do que é cis normativo, ou seja, da repetição do que é considerado normal no sistema de gênero binário que define os papéis de homem e mulher bastante fechados (heterocentrados), incute-se a noção de que o homossexual masculino, por ser homem, também deve apresentar características/comportamentos tidos como masculinos/masculinizados.

SD02 – É animador encontrar um **grupo sério, capaz**, fazendo algo em que acredita. Vocês acreditaram na possibilidade de um jornal que trate do **homossexualismo de modo sério**. Vocês estão mostrando que o **comportamento sexual não é** o ponto de referência do indivíduo. A **imagem da afetação e da frescura perseguem** ainda o tema homossexualismo e a corrupção moral em que se encontra envolvida a homossexualidade confere a desconfiança sobre a possibilidade de uma conduta equilibrada. (C.S.S, Jornal *Lampião da Esquina*, “Lendo o número zero”, de maio de 1978, grifos meus).

A militância que se instaura com a articulação entre periódico e leitores aliados busca legitimar as barreiras de uma homossexualidade. Na SD02, por exemplo, o corpo editorial, enquanto grupo representante, é qualificado pelos adjetivos *sério* e *capaz*, e ao descrever como *tratam* e *mostram* o *homossexualismo*, essas ações carregam também as qualidades do grupo. Por isso, é perceptível que a identidade de *Lampião* é a que se deseja replicar, ao tempo que a que deve ser apagada é a que possui uma imagem de afetação, frescura, imoral, desequilibrada (características que perseguem, como que não saem do encaixe)³.

Em contrapartida, formulações expressando o é necessário, é preciso (para o grupo gay), se instauram de um fio discursivo, nas cartas, o qual quer reafirmar o que *Lampião* coloca, seja na afirmação

³ Outras sequências discursivas mobilizadas no texto completo da dissertação corroboram com essa conclusão.

do tipo “continue assim, Lampião”, “eu concordo com você, Lampião”, ou do tipo “Lampião faz do jeito certo”. As próximas SDs (03 e 04) mostram como essa construção imperativa comparece.

SD03 – É preciso que isto seja **sempre** mostrado: o homossexual agindo **conscientemente** dentro de sua realidade sexual, é um indivíduo **comum**. (C.S.S, Jornal *Lampião da Esquina*, “Lendo o número zero”, de maio de 1978, grifos meus).

SD04 – Finalmente surge em meio às escassas publicações destinadas a um público homossexual, um jornal que trata como ele **realmente deve ser tratado: como seres humanos**. (Rogério Naccache, Jornal *Lampião da Esquina*, “Ecos do número zero”, de junho de 1978, grifos meus).

Sempre e realmente apontam para um efeito de sentido de desejo da permanência e da realidade, ou seja, o que pode e deve ser dito, que seja dito de acordo com a realidade, com a verdade que vivem os homossexuais, é só isso que precisa ser dito, sempre isso, afirmar continuamente, verdadeiramente. Resta pensar a respeito dessa realidade, ou seja, como nessas sequências discursivas está sendo caracterizada a realidade que se quer mostrar, que se quer que seja dita.

Partindo das SDs mobilizadas até aqui, proponho uma família parafrástica que determina o que pode ser dito, determinações presentes no texto editorial e nas cartas. Essa proposição é no intuito de mostrar como as barreiras da formação discursiva, onde inscrevem-se o sujeito discursivo militante da homossexualidade, começam a ser construídas. Observo dois funcionamentos discursivos da negação na família parafrástica abaixo: um com as marcas da negação (como advérbio de negação ou léxicos), e outro de afirmação funcionando como negação. Partindo das sequências discursivas, selecionei aquilo que se repete e que, ainda, pode ser parafraseado como o modelo de repetição. Abaixo, dividirei os enunciados da família parafrástica em dois recortes, o primeiro que traz o funcionamento da negação e, como é possível observar, apresenta as formulações principalmente das SDs mobilizadas do texto do editorial. O segundo recorte apresenta formulações das cartas.

Família parafrástica 1 - primeiro recorte: negação

*É preciso mostrar que o homossexual **não** vive em guetos.* (SD01')

*É preciso mostrar que o homossexual **não** ergue bandeiras estigmatizantes.* (SD01')

*É preciso mostrar que o homossexual **não** é um eleito, nem um maldito.* (SD01')

*É preciso mostrar que o homossexual **recusa** para si a pecha de casta.* (SD01')

Família parafrástica 2 - segundo recorte: afirmação

É preciso mostrar o homossexual com consciência. (SD03')

É preciso mostrar o homossexual como indivíduo comum. (SD03')

É preciso tratar o homossexual como ser humano. (SD04')

Para Indursky (2013, p. 261), “A negação é um dos processos de internalização de enunciados oriundos de outros discursos podendo indicar a existência de operações diversas no interior do discurso em análise”. A respeito dessas operações que direciono meu gesto de análise. Nesse primeiro momento, em que as cartas mobilizadas trazem discursos aliados, trago a noção de negação externa, ou seja, negação dos saberes de uma FD antagônica. A FD1, a partir de agora, é entendida como a formação discursiva em que se inscreve o sujeito discursivo militante de *Lampião*, e a FD2 é a antagônica, na qual inserem-se os dizeres que não podem ser ditos na FD1. Assim, como pontua Indursky (2013, p. 264, grifos meus):

Quando sujeito do discurso pode e deve dizer o que diz a partir do seu lugar social, ele o faz por uma predicação afirmativa, identificando seu dizer como o saber da FD que o afeta. Já quando sua predicação é negativa, esta pode caracterizar três operações de negação discursiva diversas: a **negação externa, que incide sobre o que não pode ser dito no interior de FD1**; a negação interna, que incide sobre o que pode, mas não convém ser dito neste domínio de saber; e a negação mista, que mobiliza as duas modalidades anteriores numa única operação de negação.

Dessa maneira, compreendo que, no domínio discursivo da militância, não pode ser dito o que é afirmado no discurso outro, nesse caso, materializado como discurso da instância médica. É o que procuro descrever com o esquema a seguir:

Temos a função

x = é preciso mostrar **y**

y = que o homossexual **~p**

e

~ (sinal lógico de negação) **p** = quer viver em guetos;

quer erguer bandeiras estigmatizantes;

é um eleito/maldito;

aceita a pecha de casta;

quer o gueto;

define seu caráter com a preferência sexual.

Ainda, *p* é o que se diz na FD2, antagônica à FD1. Por isso, observo que o processo discursivo tem outro funcionamento nas cartas dos leitores. Em um efeito de apoio ao jornal, leitores afirmam sem negar “**x** = é preciso mostrar **z**”, em que **z** = o homossexual **r**. Resta definir, a partir do primeiro recorte, **r**, em que se iguala a “tem consciência, é indivíduo comum, é ser humano”.

Cazarin (2001) analisa a afirmação funcionando como negação e diz que essa forma “é utilizada para negar um discurso que circula na FD antagônica. Embora o dito na FD1 não venha de fora (da FD2), funciona como resposta para o que está sendo dito fora” (Cazarin, 2001, p. 146). Ou seja, FD1 diz, afirmando, o que circula na FD antagônica na forma de negação, quer dizer, o que é negado na FD2. Dito de outra forma, o que aparece na FD2 como “o homossexual não tem consciência”, a FD1 dirá afirmando “o homossexual tem consciência”.

Com o processo discursivo em análise, a FD1 trabalha no campo discursivo da liberação gay e da militância por essa, já a FD2 é antagônica, ou seja, ela institui os sentidos que marcam o preconceito contra a comunidade homossexual. Como último gesto de análise, apresento 3 formas de negação interna, que trabalha sobre as diferentes posições de um mesmo domínio de saber, ou seja, diferentes posições de uma mesma formação discursiva. Os funcionamentos de negação externa antes analisados colocaram em evidência as formações discursivas antagônicas. Agora, o intuito de mostrar os diferentes funcionamentos da negação interna é de observar os conflitos entre posições na mesma FD1 (que definirei após esse gesto). Apresento, em seguida, os três funcionamentos os quais veremos nas próximas SDs:

- a. *É só x (e não y) que r* (SD05)
- b. *Não y, mas x para r* (SD06)
- c. *ou x, ou não r* (SD07)

O texto “Nossas gaiolas comuns”, publicado na edição 1, de maio de 1978, argumenta, por um viés pedagógico, o movimento o qual as minorias sociais devem fazer. Esse, porquanto, deve ser unificado, discutido, com o objetivo de uma luta maior por todos e não individual. A luta se faz a partir de discussões em grupo, de todas minorias sociais, buscando seus pontos fortes para usá-los e os pontos fracos para superá-los, como a SD abaixo lineariza:

SD05 – **É** só nessa discussão, nessa busca conjunta, **que** poderemos descobrir nossos pontos fortes e nossas fraquezas e partir para um outro **momento de luta**. (Mariza, Jornal *Lampião da Esquina*, “Nossas gaiolas comuns”, de maio de 1978, grifos nossos).

Na SD05, o que materializa para x, ou para o que se deve fazer no movimento de luta, de militância, são as discussões e buscas conjuntas. Sob um efeito de unidade, de todos juntos, o funcionamento discursivo de união busca alcançar algo em comum. No caso, é da necessidade de lutar que também é preciso criar estratégias (r) para vencer, ou seja, reconhecer os pontos fortes e fracos e ir com preparo para a luta. Com isso, ao afirmar o que é preciso (união), coloca-se em negação um discurso outro (y) que afirma que “é cada um por si”, esse outro, no entanto, é afetado pela mesma FD.

Em um movimento de paráfrase da SD052 podemos ler “*É juntos que poderemos descobrir nossos pontos fortes.*” e “*É sabendo nossos pontos fortes que poderemos partir para um momento de luta.*”. O reforço para o movimento de união é observado na SD06, em que a luta agora é melhor.

SD06 – Isto **não significa** um isolamento das várias categorias ou grupos fechados em si mesmos em busca apenas de sua identidade sexual (nesta sociedade nossas identidades são múltiplas), **mas sim** uma reflexão prévia a qualquer discussão mais geral, única maneira de **reconhecer** claramente os seus objetivos e interesses e que papel eles podem desempenhar, ou desempenham, **na luta mais ampla pela igualdade**. (Mariza, Jornal *Lampião da Esquina*, “Nossas gaiolas comuns”, de maio de 1978, grifos nossos).

Em comparação com a SD05, na SD06 observamos outro funcionamento. O que na SD05 aparecia como discurso outro implícito (negação - o que não deve ser feito/o que não é), na SD06 está explícito. Ou seja, o que antes foi parafraseado como “é juntos que”, agora pode ser dito “não é separados”. O funcionamento discursivo de negação interna **não y, mas x para r** coloca em questão a luta que se trava na comunidade. Essa luta, sendo a pela igualdade, só pode acontecer com reflexão.

Ainda na esteira desses funcionamentos de negação interna, algumas contradições da formação discursiva podem ser evidenciadas, daí temos os conflitos entre posições da mesma FD, e essas três últimas SDs denunciam esses conflitos, diferentes formas de dizer e, na próxima SD, os diferentes ditos:

SD07 – A posição idealista e individualista de liberação deve ser superada: **ou** tentamos, todos juntos, abrir a porta da gaiola, **ou** permaneceremos lá dentro, cada um com a ilusão de que está numa gaiola particular. (Mariza, *Jornal Lâmpião da Esquina*, “Nossas gaiolas comuns”, de maio de 1978, grifos nossos).

Na SD07 fica em debate a ideia de qual luta a comunidade deve travar: a FD é a mesma, são diferentes posições inscritas no mesmo campo de saber ideológico. Enquanto uma posição aponta para a luta conjunta e, outra traz a luta individual. Sendo assim, o funcionamento **ou x (e não y) ou não r**, continua construindo o efeito de necessidade de união, ou **todos juntos**, e não **uma posição idealista**, ou não abriremos a porta da gaiola. Parafraseando a SD07, teríamos “ou tentamos juntos e abriremos a porta da gaiola ou não tentamos juntos e não abriremos a porta da gaiola”.

A negação interna, para Indursky (2013) “assinala a coexistência da diferença e o primado da contradição no interior de uma mesma FD”. Por fim, x e y são diferentes posições na mesma FD, um representando o que se deve fazer e outro o que não se deve fazer, e essas variáveis funcionam de modo que enquanto um é afirmado, o outro é negado (mesmo que não explicitamente, está sempre lá como discurso outro).

Mobilizei diferentes sequências discursivas, em que as formulações sintáticas puderam ser interpretadas como que um discurso militante toma forma para negar o discurso outro, que é linearizado no intradiscurso às vezes como um pré-construído. Nos movimentos de paráfrase discursivas, pude delinear as formações discursivas antagônicas em jogo – uma que se caracteriza pelos domínios de saber preconceituosos sobre a homossexualidade, e a outra que determina esse discurso militante pela aceitação da homossexualidade e as construções de refutação do discurso outro. As análises dos funcionamentos discursivos da negação externa e interna, então, denunciam os conflitos entre FDs antagônicas e os conflitos internos em FD1.

Por fim, resta nomear essa formação discursiva (trabalhada no texto como FD1). Essa FD, na qual o sujeito discursivo militante da homossexualidade se inscreve (sujeito observado a partir das matérias jornalísticas e cartas de leitores), é lugar de dizeres da dissociação da imagem-padrão do homossexual construída no âmbito discursivo médico, discursos que funcionam pelas formulações sintáticas da afirmação de quem somos e da refutação do discurso outro, seja no funcionamento discursivo da negação ou da

negação funcionando pela afirmação. Dessa forma, essa FD é lugar de afirmação e legitimação de uma homossexualidade comum, humana, séria, enfim, antagônica da imagem-padrão citada.

Tendo em vista a luta pela liberação, mobilizada pelo sujeito discursivo das SDs analisadas, em que as materialidades demonstram não um desejo de descolamento das identidades cis normativas de gênero, mas sim o desejo de uma aceitação dentro desse sistema, como enfrentamento aos discursos de uma FD cis normativa e heterocentrada, e que o descolamento proposto não é da diversidade sexual, e sim um descolamento da identidade pré-construída do discurso médico, denomino a formação discursiva como Formação Discursiva de Afirmação da Homossexualidade (FD-AH). É dessa FD, finalmente, que está determinado o discurso de militância da homossexualidade realizado nos textos de *Lampião*, um discurso que funciona, como já podemos observar algumas pistas, como discurso pedagógico, principalmente na interlocução entre periódico e leitores.

Lampião começa a tomar formas de exemplo a ser seguido a partir das opiniões expressas em seus editoriais. Outrossim, as cartas publicadas na sua seção específica muitas vezes vêm colaborar com seus argumentos. Nesse ínterim, a noção de que o que o jornal fala é real, é com razão e que, portanto, deve ser levado a sério, movimentam também as ideias construídas no grupo de militância gay que se instaura com e pelo jornal. Um jornal homossexual, então, para a luta pela liberação da homossexualidade, para o que (não) deve ser dito sobre essa, para os limites da formação discursiva.

REFERÊNCIAS

- CAZARIN, Ercília Ana. Interlocução discursiva: a afirmação funcionando como negação. *In*: ERNEST-PEREIRA, Aracy; FUNCK, Suzana Bornél (org.). **A leitura e a escrita como práticas discursivas**. Pelotas/RS: Educat, 2001.
- INDURSKY, Freda. **A fala dos quartéis e as outras vozes**. 2. ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2013.
- PIRES, Ezequiel N. **De esquina em esquina, o que se ilumina**: o discurso de militância da homossexualidade em *Lampião*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.
- PÊCHEUX, Michel. [1975] **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2014.
- RODRIGUES, Jorge Caê. A imprensa gay do Brasil. *In*: GREEN, James N.; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa (org.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018.
- SOUZA, Pedro de. **Confidências da carne**: o público e o privado na enunciação da sexualidade. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.